

CANTO DO CISNE

É comum ouvir dizer que o Cisne só canta quando está para morrer, como sendo a sua última coisa importante.

Daí nasceu o hábito de dizer que a última coisa importante que alguém fez foi o seu Canto do Cisne.

Todavia esta crença não é mais do que uma antiga peça de folclore em que acreditavam os poetas e os filósofos.

Os antigos Gregos pensavam que os Cisnes eram criaturas de Apolo, o deus da música.

Segundo Sócrates na sua obra *Plato's Phaedo*, o Cisne canta, não de pena ou de angústia, mas sim porque está inspirado por Apolo.

Shakespeare faz alusão ao Canto do Cisne nas suas peças de teatro e nos seus poemas.

Fazem ainda referência ao Canto do Cisne, Lord Byron, no seu *Don Juan*, e Tennyson no seu *The Passing of Arthur*.

Um vago som musical é emitido por um sibilante Cisne da Islândia, uma proeza que ultrapassa a habilidade de outras espécies quer seja na hora da morte, ou em qualquer outra altura.

A espécie mais comum dos Cisnes do Hemisfério do Norte, não consegue fazer mais do que um violento assobio quando tem fome ou quando pretende defender os seus filhos, portanto o seu assobio é prelúdio, não de morte mas de um iminente ataque.

Por não terem voz se fala sempre no Cisne Mudo.

O Canto do Cisne, bem como muitas outras tradições antigas, assenta numa base religiosa, a provar que o ser humano é essencialmente religioso, crê num Deus, embora nem sempre seja capaz de o definir nem encontre a maneira melhor para Lhe exprimir o seu desejo de amor e adoração.